O sinthome no autismo é o corpo

M. Aparecida Farage Osorio

Na origem do autismo, está a dissociação entre a voz e a linguagem, como proteção da presença sonora real do Outro angustiante. A voz, assim, não estando ligada ao campo do Outro, é um objeto invasor. É a incorporação da voz o que suporta as identificações primordiais do sujeito, os S1 que o determinam. Como essa incorporação não acontece no autismo, o sujeito fica sem representação no Outro, ou seja, na impossibilidade de alienação no significante do Outro.

O Outro comporta uma falta, um resto de gozo produzido pela linguagem, mas não significantizado. Esse resto, que não é um elemento do Outro, um significante, é o que Lacan vai denominar de objeto *a*. O corpo é a sede do gozo, pelo fato de ser tomado na linguagem, mortificado e esvaziado de gozo pelo significante. O que escapa a essa operação são os objetos *a*. Para o autista, não há Outro portador do objeto *a*.

A extração do objeto *a*, que é causa da divisão do sujeito, está na dependência do consentimento do sujeito à barra que inscreve a marca dessa divisão subjetiva. Na ausência da mediação fálica, a relação ao que cai do corpo dá lugar a um mundo em que tudo é real. No autista, tudo é real, até a “caca” é real. No seu mundo real, o espaço virtual não existe. Para ele, portanto, a imagem especular é impossível.

Não há, para eles, o trajeto pulsional. Há um corpo, pura superfície, evidenciando a impossibilidade de constituir a zona erógena como um vazio, que a pulsão contornará através dos significantes do Outro. Sem o trajeto pulsional, o corpo do sujeito não se articula ao Outro. Para Rosine Lefort, no que se refere à pulsão, se a refenda do objeto não se realizar, e o objeto pulsional permanecer

no real, o circuito da pulsão não acontece (a refenda do objeto é a passagem do pênis órgão ao falo enquanto $-\phi$, o que o psicótico não atinge). A pulsão está ali, mas truncada, reduzida a um impulso-caráter primordial da pulsão. A fonte também está ali, posto que é orgânica, mas nem o objeto, nem o objetivo têm lugar, já que não houve a queda do objeto.

Um outro ponto de estrutura específico do autismo é o duplo. Este resta como um achado para o autista, no lugar da relação de objeto impossível. Só nele o autista se fia e, em alguns casos, também se fia no intelecto. Somente estes são suportáveis para o autista, como geradores de enunciado. O duplo é vivido em cada outro e, para alguns, pode ser vivido num animal, como se pode ver no boi do livro de Temple Grandin *Minha vida de Autista*. O duplo presentifica a possibilidade de tentar matar aquilo que a linguagem não temperou, ou seja, a pulsão de morte. Para Rosine Lefort, o duplo é a divisão do sujeito no real.

Os Lefort insistem na ausência do balbucio para marcar o não recobrimento do real pelo simbólico, por meio do significante mestre, evidenciando a recusa dos autistas de isolar na lalíngua os significantes mestres.

O inconsciente está feito de lalíngua, ele é uma “elucubração de saber sobre lalíngua”, é uma coleção das marcas dos outros sujeitos, quer dizer, aquilo com o qual cada um tem inscrito seu desejo na lalíngua. O autista não entrelaça sua própria língua à lalíngua materna, daí a ausência do balbucio infantil. O verboso, a tagarelice, não é balbucio, é um gozo verboso mimético. A tagarelice é uma forma de recusa ao ato de enunciação. É no encontro entre o balbucio da criança e o encorajador balbucio da mãe que se esboça a dialética do dom e da demanda, gênese da lalíngua, já havendo aí a presença-iminência do Outro da linguagem.

O balbucio antecipa o Outro, é autoerótico, não narcísico. No gozo prévio do balbucio, o bebê está no gozo da voz de seu significante fonemático. É um gozo que atrela o objeto voz e o S1. O S1 que vem do Outro não serve à comunicação nem ao sentido. É um gozo prévio à relação do sujeito com o significante. A isso Lacan chama lalíngua.

No autista, a ausência da função do significante mestre faz obstáculo à alucinação verbal. Esta se ancora sobre dois pressupostos: a inscrição do S1 sobre a substância gozante e a capacidade do sujeito de portar o S1, na função do significante mestre. Se os autistas não conseguem reunir pensamento e emoção, isso parece estar relacionado a uma deficiência do significante mestre.

Pode-se resumir, seguindo os Lefort e Maleval, em sete pontos o que não há no autista: não há trajeto pulsional, não há objeto, não há Outro, não há S1, não há lalíngua, não há imagem especular, não há alucinação verbal. Mas podem os autistas desenvolver um recurso sintomático, construindo seu modo de estar no mundo?

Maleval, em 2008, por ocasião do Congresso da AMP, fala de duas tendências na Escola: uma de manter as três estruturas, ou quatro, com o autismo, que é a tese dos Lefort. A outra tendência é de dizer que a referência é ao sinthome, o que faz, de certa maneira, desaparecer a estrutura. A estrutura se reencontra no sinthome. Tem sinthome desabonado do inconsciente como em Joyce, tem sinthome que se articula ao Outro, no sinthome erótico. O sinthome, na perversão, é mais complicado, é um sinthome fetichizado. No autismo, ele é o corpo, é o objeto corpo, é a construção de um corpo máquina, o autista não está separado do corpo pelo Outro. Existem várias formas de sinthome, e Miller, também, propõe precisá-las, como se fez no Seminário de Orientação Lacaniana *Coisas de Fineza em Psicanálise*.

Perguntado, ainda, nesse Congresso, se o sinthome implica, necessariamente, um laço social, Maleval responde que, dependendo da

definição que se dê do sinthome, tem coisas que fazem enganche na estrutura, e essa é uma maneira de dizer que é um sinthome. Encontra-se um sinthome degradado na psicose. No autismo, ele não implica um laço social. Há uma degradação de sinthomas, diz ele, mas é uma questão difícil, conclui. Se, na psicose, ele implica um laço social, embora um laço limitado, no autismo, ele não implica, necessariamente, o laço social. Ao lado do inconsciente, que é sentido comum e fala para cada um, há o singular do sinthome, onde isso não fala para ninguém, e Lacan o chama de acontecimento do corpo, do corpo de gozo.

Em 99, nas XXII Jornadas do Cereda, o autismo é apresentado como nova estrutura, a partir de um mecanismo significante novo: a forclusão do significante materno (DM - o desejo da mãe). Essa fórmula, lançada por Pierre Naveau, põe, no centro dos debates, o redobramento da forclusão do NP e do DM. A forclusão do desejo da mãe tem como resultado uma onipresença real da mãe. Também a questão de um Outro absoluto no autismo, ao qual não falta nada, orienta a tendência para falar de uma quarta estrutura. Ainda a falta de alucinações permite diferenciar o autismo da esquizofrenia. A síndrome autística, segundo Maleval, “é compatível com as raras alucinações visuais, talvez até com algumas alucinações sonoras (zumbidos, sinos, músicas etc.), mas não com autênticas alucinações sonoras. Para os Lefort, o duplo não deixa nenhuma possibilidade de alucinação, ou seja, a relação com o Outro do significante é mediada por um duplo real e onipresente, que impõe um obstáculo à alienação significante.

O sinthome põe “ordem no mundo”, tempera e bordeja o gozo, é um saber-fazer com o real do gozo. No autista, ainda que sempre mínimo, o sinthome é seu modo de saber fazer com o real do gozo uma significação particular ligada ao pai. O sinthome é o singular, o inconsciente não é o singular, e daí Lacan o alojou no Outro, diz Miller. Pode-se tomar a invenção feita, no caso trabalhado no Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Criança, por Carlos, como um sinthome? Carlos constrói um simulador de voo tomando elementos

paternos. O pai de Carlos viajava muito, e o menino sempre acompanhava o pai até o aeroporto.

Trata-se de um sinthome sem semblante. Não tem a ver com as relações sociais, como na neurose, sinthome sem semblant, posto que não há no autismo relação ao Outro. No Congresso da AMP, em Paris, em abril próximo, o tema ordenador de uma das manhãs de trabalho será o “Pesadelo do Sinthome sem Semblante”, a partir do qual se espera avançar nisso.

Virginio Baio apresenta um caso de um menino de cinco anos autista, do qual, tomando a formalização borromeana da segunda clínica, diz que “há o equivalente ao Nome do pai sob a forma do sinthoma, de alguma coisa que enoda não mais elementos standard, mas elementos não standard, elementos raros, elementos que pertencem apenas ao sujeito” . Em seu paciente, Tano, a madeira, os pedaços de argamassa, elementos presentes na profissão do pai, que é construtor, fazem seu sinthoma. Esse é um saber mínimo, um enodamento de uma língua atravessada por uma significação particular, ligada, forçosamente, à profissão do pai. Essa invenção do sinthome, em Tano, implica uma dupla operação: a de descompletar o Outro (a madeira, os pedacinhos de argamassa) e a incorporação no real de um traço do Outro. Sinthome que, se for lesado, deixa Tano entregue à invasão do gozo.

O aparelho desenhado, desde sua infância, por um autista de alto rendimento, Temple Grandin, é um sinthome? A função desse aparelho consistia em fazer uma pressão prazerosa em seu corpo. Ao ser apertado, contido nesse aparelho, “minhas obsessões diminuíam e eu me tranquilizava” , conta ela. Com esse aparelho, Grandin cria seu próprio modo de estar com os outros, uma forma de temperar o gozo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIO, Virginio. Nome-do-pai e autismo. *Opção Lacaniana* - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo Edição Especial n.50, p.71. Dezembro/2007.

MALEVAL, J.-C. *L'autiste, son doublé et ses objets*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009. (Coleção Clinique Psychanalytique et Psychopathologie).

_____. Os autistas escutam muitas coisas, mas será que alucinam? *Opção Lacaniana* - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo n.52, p.163. Setembro/2008

MILLER, J.-A. *Curso de Orientação Lacaniana*. Coisas de fineza em psicanálise. Lição 8. 07/03/2007.

STIGLIZT, Gustavo. Autismo. *Scilicet* – Os objetos a na experiência psicanalítica, AMP. Rio de Janeiro.p.43 - 2008.